

INDÍCIOS DO USO DO CINEMATÓGRAFO NA ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM MINAS GERAIS (1925-1930)

PAULA CRISTINA DAVID GUIMARÃES

Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), São João Del Rei, Minas Gerais, Brasil.

FABIANA INÁCIA DA SILVA ASSUNÇÃO

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

RESUMO: O presente trabalho, inserido no campo da História da Educação, analisa o uso do cinematógrafo para a educação da infância em Minas Gerais entre os anos 1925 e 1930. Para isso, utiliza como fonte de pesquisa a *Revista do Ensino*, periódico oficial do governo mineiro, criada em 1925 que circulou até 1971, foi amplamente utilizado para a formação e conformação da prática docente no estado. Os resultados apontam que o cinematógrafo funcionou como um dispositivo para a formação do que seria o novo cidadão do Brasil, a criança, modificando seus hábitos e costumes de forma mais atrativa e efetiva, em instituições escolares urbanas e rurais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Cinematógrafo; Infância; *Revista do Ensino*

INTRODUÇÃO

O notável descobridor e cientista, Edison, disse que algum dia as nossas crianças das escolas chegarão a derivar mais conhecimentos dos cinemas do que dos livros e das explicações (*Revista do Ensino*, 1925).

Entre o final do século XIX e o início do século XX, os debates sobre a educação e a escolarização da infância se intensificaram em todo o Brasil. Tais debates acompanhavam um movimento maior, que se propagava em muitos países do mundo, incluindo o Brasil: o movimento da Escola Nova.

O movimento da Escola Nova, que se manifestava contra as práticas de ensino da escola tradicional, defendia, dentre outras coisas, a criação de novas metodologias de ensino, as quais seriam amparadas por atividades significativas para os alunos, em que o interesse e a motivação pela aprendizagem se fizessem presentes.

Quadro 1 - Práticas Escolares Escola Tradicional e Escola Nova

Dimensão Pedagógica	Escola Tradicional	Escola Nova
Foco do processo	Professor é o centro do processo de ensino e aprendizagem.	Aluno é o centro e protagonista do processo de ensino e aprendizagem.
Método de Ensino	Aulas expositivas e demonstrações do professor.	Metódo intuitivo: aprender fazendo.
Conteúdo	Conteúdo rígido e pronto para ser transmitido.	Focado no desenvolvimento da autonomia do aluno.
Papel do aluno	Ouve de forma passiva, pronto para receber o conteúdo	Protagonista de sua aprendizagem, aprende ativamente.
Avaliação	Reprodução do conteúdo transmitido pelo professor.	Desenvolvimento da autonomia necessária.
Organização escolar	Rígida, disciplinar, classes homogêneas, todos os alunos no mesmo ritmo.	Defende uma metodologia que considera a individualidade e as necessidades de aprendizagem de cada educando.

Fonte: Criado pelas autoras (2025)

Em Minas Gerais, tais métodos escolanovistas foram amplamente veiculados por discursos educacionais e políticos diversos. Isso se deu, sobretudo, por meio da imprensa local, sendo a *Revista do Ensino* o periódico de destaque para tais publicações.

Periódico oficial do governo do estado de Minas Gerais, a *Revista do Ensino* foi criada em 1925 com o objetivo de formar e informar os professores que atuavam nas escolas do estado. Sua ampla produção, distribuição e circulação, fizeram com que fosse utilizada pelos profissionais da educação nos locais mais distantes de Minas. Suas páginas eram compostas por textos, artigos, traduções, divulgações, propagandas de concursos, enfim, de toda uma rede textual e de imagens que se voltava para o contexto da educação e suas novas abordagens. Até 1971, ano em que foi extinta, eram divulgadas na Revista, por exemplo, fotografias de escolas e alunos que eram considerados exemplos de higiene, textos traduzidos de autores renomados à época, como Maria Montessori e Alfred Binet, notícias sobre concursos de poesias entre os escolares, novas leis educacionais, entre outras. Em linhas gerais, pode-se dizer que o periódico ajudou a transformar a cultura escolar existente no período nos seus mais diferentes aspectos, servindo de estratégia para a implementação de métodos e práticas de ensino que se queria implantar para a formação e conformação social futura.

Uma das novidades educacionais apontadas pelas páginas da *Revista do Ensino* foi o cinematógrafo. Visto como ferramenta da transição da escola tradicional para a escola nova, o instrumento, já inserido na realidade social brasileira desde o final do século XIX, ganhava destaque quando associado às condições de educação mais ampla da infância, que extrapolaria muito além dos muros escolares, avançando para o contexto familiar e social.

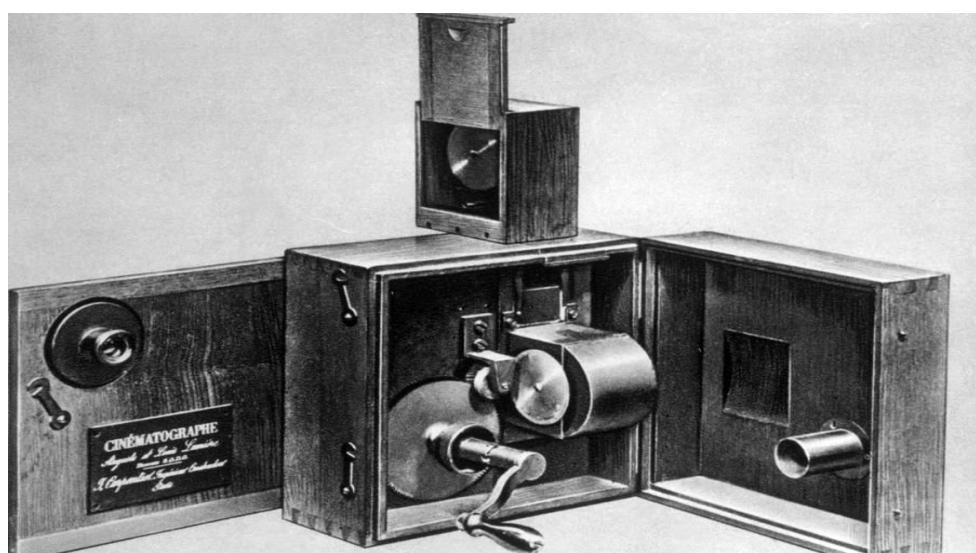
GUIMARÃES, P. C. D.; ASSUNÇÃO, F. I. da S.

O contexto de uso do cinematógrafo na escola mineira, bem como a sua defendida eficiência para a educação da infância, entendida enquanto categoria social e constituída por sujeitos historicamente situados (Sarmento; Gouvêa, 2004), é o objeto de estudo deste trabalho. As informações sobre tal reflexão advêm da Revista do Ensino, tendo em vista seu alto poder de penetração e disseminação de ideais nas escolas do estado de Minas Gerais. Já o recorte adotado se situa nos cinco primeiros anos de circulação do periódico (1925 a 1930), entendidos como o tempo inaugurador dos debates sobre o cinematógrafo na educação no estado. Neste estudo, tanto a *Revista do Ensino* quanto o cinematógrafo são tomados como dispositivos (Foucault, 1979), para a formação da massa da população brasileira de forma mais eficiente e efetiva dentro daquilo que se queria nos aspectos políticos, sociais e culturais daquele momento¹.

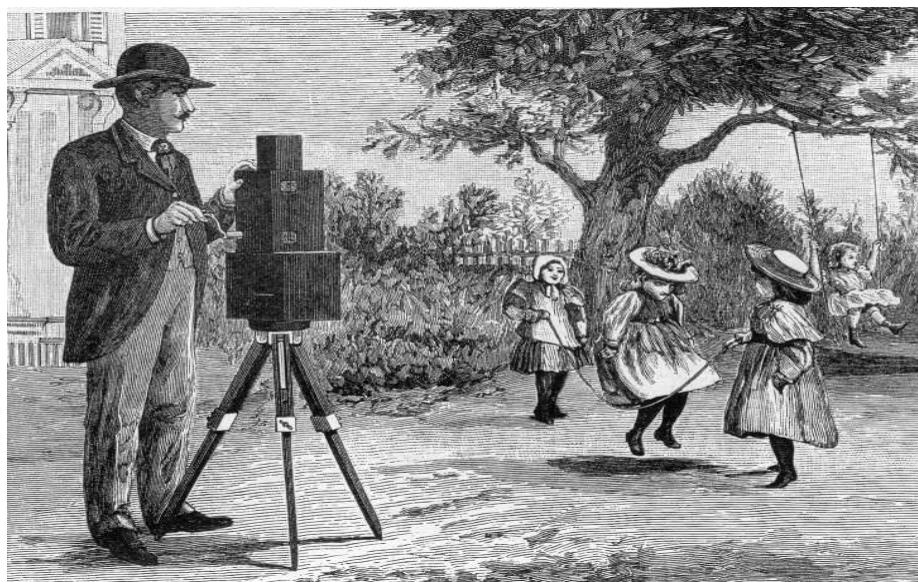
CINEMATÓGRAFO E EDUCAÇÃO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Símbolo da modernidade, o cinematógrafo, dispositivo mecânico utilizado pela sociedade para registrar e observar o seu cotidiano, foi uma das expressões de uma sociedade que se industrializava rapidamente e de forma cada vez mais difusa. O cinematógrafo era um mecanismo capaz de capturar, copiar e projetar uma imagem. Seu sistema é comparado às engrenagens da máquina de costura que, “ao avançar e se deslocar por entre os perfuradores, imprime, fixa e, por fim, projeta” (Souza, 2016, p. 61). Sua criação, ao final do século XIX, se deu em meio aos avanços científicos e tecnológicos do período, possibilitando a criação de um aparelho leve, versátil e que gerava registro e projeção de imagens e cenas², como podemos observar nas imagens abaixo (Costa, 2006):

Imagen 1- Cinematógrafo Lumière



Fonte: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema>, 1895.

Imagen 2- Lumière usando o cinematógrafo em 1896.

Fonte:<https://www.victorian-cinema.net/machines#cinematographelumiere>, 1896.

Para Costa e Paulilo (2015), o uso do cinematógrafo no Brasil efetivou o sonho de mostrar o país aos brasileiros, disponibilizar informações e conhecimento a todos ao mesmo tempo e em um mesmo lugar, servindo como formador da nação para propósitos científicos³.

Da mesma forma, o cinematógrafo foi vislumbrado como recurso para a reformulação do sistema educacional do Brasil do início do século XX, tendo como aposta uma educação pelas imagens. Debates sobre as possibilidades de seu uso aconteceram nas mais diferentes esferas do campo educacional como, por exemplo, na ABE (Associação Brasileira de Educação), em que intelectuais reconheciam o uso do aparelho como um recurso didático nas escolas. Tais debates geraram todo um aparato documental sobre o cinematógrafo como, por exemplo, manuais, produzidos entre os anos de 1928 e 1935, com o objetivo de normatizar o seu uso.

Para intelectuais como Jonathas Serrano, Venâncio Filho, Roquette-Pinto, Lourenço Filho o cinema deveria ser apenas educativo e, para tal, deveria ter uma produção específica. Eles prescreviam orientações para que cineastas e educadores, juntos, produzissem filmes educacionais. Sob essa perspectiva, o filme deveria ser curto, deveria ser retirado tudo que não tivesse relação com o ensino ou que não pudesse ser mostrado ao natural. Ao olhar desses intelectuais, o conteúdo cinematográfico inadequado poderia causar imagens distorcidas da realidade, uma vez que evita o esforço da inteligência, oblitera a percepção pela fascinação que

GUIMARÃES, P. C. D.; ASSUNÇÃO, F. I. da S.

exerce, é espetáculo para illetados, torna a realidade dispersa e fraca pela concentração que obtém, falseando a noção de tempo, enfraquece a capacidade de abstração, abaixando o nível intelectual (Costa; Paulilo, p. 45, 2015).

Demais intelectuais participantes da ABE, como Armando Álvaro Alberto e Cecília Meireles, também recomendavam que as películas fossem apropriadas às crianças e, consequentemente, à família brasileira. Para este fim, além de manuais, foram elaboradas listas com livros e filmes considerados adequados à infância.

A historiografia que trata da inserção do uso do cinema educativo no Brasil mapeia, de forma clara, ações em São Paulo e no Rio de Janeiro, sobretudo as empregadas por Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. Contudo, é possível afirmar que não apenas esses estados aparelharam suas escolas ou defendiam o uso do cinematógrafo para a projeção de filmes educativos. Outros estados, como Minas Gerais, também se voltaram para o debate sobre o cinematógrafo e as possibilidades de seu uso para a educação.

De acordo com Lino (2009), o cinematógrafo chegou a ser considerado uma “doença da moda” em Minas Gerais, tamanha a sua disseminação no contexto social. Tal afirmação se faz diante de notícias dos jornais da época, que indicavam o crescimento das salas de exibição e da grande quantidade de pessoas que se mobilizavam para assistir às sessões de cinema. A imprensa de Juiz de Fora, primeira localidade do estado a receber o cinematógrafo, em 1897, chegou a comparar a cidade com um imenso hospital, onde a doença dos filmes estaria contagiando homens, mulheres e crianças.

Não somente no contexto urbano o debate sobre o uso do cinematógrafo esteve presente. Na região rural, por exemplo, o discurso aliado ao cinematógrafo foi o da possibilidade de seu uso para evitar o êxodo, gerado, de acordo com a Revista do Ensino, pela falta de lazer dos povos do campo.

Entre os numerosos motivos que contribuem para a despovoação do campo, há um deles, que se considera muita vez secundário, e que é, entretanto de capital importância: é a inópia de diversões nos povoados. Impossibilitados de conhecer a cidade, não podiam os camponeses, por falta de comunicação, chegar até os povoados próximos, onde encontrariam algum divertimento. Por felicidade, estão mudados os tempos e qualquer arraial de três mil habitantes, ou, menos, já possuem seu cinema; além disso, facilitam-se os meios de comunicação, encontrando o campesino facilidade de transportar do povoado a cidade, onde acha muitas ocasiões de descanso e distração (Revista do Ensino. **O Cinematógrafo Rural** - 1924 - maio. Nº.2, p. 44).

A Revista sinalizava a “nostalgia da cidade” que, por vezes, o homem do campo sentia ao se deliciar com suas belezas, construindo o sonho constante de renúncia à vida rural. “Engodado com tanta delicia, espera, sem paciência, a primeira oportunidade, para retornar ao seio das magias” (Revista do Ensino. **O Cinematógrafo Rural** - 1924 - maio. Nº.2, p. 44).

“Não seria melhor organizar distrações no povoado?” Essa é a questão que impulsiona o uso do chamado “cinematógrafo agrícola”, que teria como objetivo

favorecer a estabilidade dos camponeses, garantindo-lhes um veículo de divertimentos em seus lugares de trabalho e moradia.

O grande recurso está no cinema: tem a conveniência de se aprestar sem dificuldade, bastando apenas o operador. O entusiasmo pela arte muda será geral, e podemos afirmar que o público das aldeias encontrará ao cinema rural, as mesmas distrações que nas cidades (Revista do Ensino. **O Cinematógrafo Rural** - 1924 - maio. Nº.2, p. 44).

Também na escola rural, o cinematógrafo deveria estar presente. Nesse contexto, a ideia mais difundida era a do cinematógrafo ambulante, que facilmente seria levado para os mais distantes espaços escolares, o que geraria menos custos ao governo ao investir em menos aparelhos.

Como o aluguel dos filmes também era apresentado como obstáculo à implementação do cinematógrafo no meio rural, já que a tarifa era alta e muitas eram as instituições de ensino em Minas Gerais, o estado propôs uma legislação específica, em que tarifas especiais seriam cobradas. Outras soluções para outros obstáculos foram surgindo, como por exemplo, a circulação de filmes entre os povoados para que não fosse necessário comprar mais que um exemplar de cada filme. Para além dessas questões, era necessário que as películas escolhidas tivessem objetivos bem definidos, que passariam pela questão da formação dos cidadãos do espaço rural:

Estas casas conservam em grande quantidade filmes dos anos anteriores, já usados, aluga-los por preços módicos. Alugadas as películas para um povoado, uma vez servidas, passarão para outro e assim seguidamente, voltando depois ao depósito, depois de circularem por cinco povoados. Tal processo é bastante econômico. Antes de tudo, os filmes devem distrair o público, educando-o. Um programa para uma sessão cinematográfica no campo, poderia assim constituir-se: 1º filme cômico; 2º, uma fita sobre agricultura, geografia ou ciência; 3º, um drama (várias partes); 4º, um XXX sobre higiene, moral, etc.; 5º, filme cômico. Com a realização desse ideal, os campônios não se abalançarão de sua terra e trabalharão com mais gosto e prazer. Entre as medidas que o governo tomar, figurará a do cinema rural em lugar de destaque, por ser grande a influência e fácil a realização (Revista do Ensino. **O Cinematógrafo Rural** - 1924 - maio. Nº.2, p. 44).

Para além da esfera social rural, o cinematógrafo foi vislumbrado para condições e espaços específicos. Foi dentro desse contexto que Minas Gerais debateu e publicou sobre as possibilidades de seu uso no contexto escolar e no contexto educacional de forma mais específica: para a formação e conformação da infância, entendida como categoria social, que contribuiria significativamente com o contexto de melhoria do país (Kuhlmann Jr.; Fernandes, 2004).

GUIMARÃES, P. C. D.; ASSUNÇÃO, F. I. da S.

Além disso, estudos como o de Arlete Cipolini (2008), "Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – Um estudo sobre o cinema na educação"; o de Ana Nicolaça Monteiro (2006), "O cinema educativo como Inovação Pedagógica na Escola Primária Paulista (1933-1944)" e o de Fernanda da Cunha (2010), "Cinema Educativo: escritura e imagem"; mostram como a educação com as imagens, através do uso do cinema, tem grande potencial para intervenção didático-pedagógica (Souza, 2016).

INDÍCIOS DO USO DO CINEMATÓGRAFO PARA A ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM MINAS GERAIS

Na *Revista do Ensino*, as menções sobre o cinema educativo via cinematógrafo aparecem associadas ao sucesso do seu uso em outros países, como a França, por exemplo.

Na França, na cidade de Lille, um congresso reuniu-se, não há muito, com o fim de tratar do cinema educador. Em muitos países da Europa, tem-se introduzido na escola essa maravilha, que dá particular encanto a obra da educação. No departamento da Mancha, da grande nação latina, já se encontram 122 escolas providas de um aparelho cinematográfico (Revista do Ensino. **O cinema e a Radiofonia na escola** - 1927- novembro - n.24., p.591).

O cinematógrafo para fins educacionais era tratado como inovação e sucesso em todas as partes em que era acolhido. O destaque do seu uso era dado, sobretudo, no que diz respeito às lições ilustradas que, de acordo com o discurso educacional do período, poderiam "gravar" no cérebro infantil, de forma mais fácil e profunda, informações e conhecimentos que outros métodos, até então, não tinham conseguido.

O cinematógrafo enquanto recurso didático foi considerado "um precioso instrumento pedagógico, pelo qual seria possível suprimir ou até mesmo "abreviar inúteis explicações" (Revista do Ensino. **O cinema e a Radiofoniana escola** - 1927- novembro - n.24., p.591). Por vezes, o instrumento era enaltecido como possibilidade de fixação de lições, servindo como concretização do aprendizado já ocorrido em sala de aula: "fazendo-o para concretizar as minhas lições de geografia, noto que é com grande alegria que as crianças veem aproximar-se a hora da lição". Nesse sentido, o cinematógrafo serviria como um recurso extra no ensino, recurso importante já que gerava curiosidade e interesse na criança.

Como afirma Luani de Liz Souza (2016), a adaptação do cinematógrafo na educação escolar foi uma tentativa de modificar o ritmo do fazer escolar, fundamentada no princípio da civilização material. O cinematógrafo foi utilizado como produtor de discursos, de experiências e de culturas, com o propósito de conduzir a percepção humana.

O uso do cinematógrafo no contexto educacional em Minas Gerais também esteve associado à frequência escolar da infância, o que era um grande desafio para as autoridades públicas do período. Ele funcionaria, nesse contexto, como recompensa para a criança que estivesse presente às aulas e em dia com as suas obrigações escolares.

Em certas escolas, o cinema é uma recompensa, e observa-se que tal recompensa, geralmente apreciada, tem a vantagem, além de outras, de tornar a frequência mais regular e a disciplina mais fácil. Basta, às vezes, anunciar as sessões com antecedência, sem fixar a data precisa, para reduzir sensivelmente as ausências diárias (Revista do Ensino. **O cinema e a Radiofonia na escola** - 1927-novembro - n.24., p.591).

A frequência de crianças nas escolas de Minas Gerais, apesar de desejada, era um problema que muitos governos não conseguiam combater. Muitas estratégias foram utilizadas para garantir a presença dos estudantes nas escolas, entre elas os concursos com premiação em dinheiro para as famílias e direção escolar, criação de associações auxiliares da escola⁴, legislação de obrigatoriedade escolar, entre outros (Guimarães, 2020). Contudo, mesmo diante desse contexto, a realidade da infrequência assolava as escolas do estado, gerando uma crise no sonho tão perseguido pelos governantes: a formação de um novo cidadão para o futuro. De acordo com a *Revista do Ensino*, as escolas pouco frequentadas e, até mesmo as abandonadas, poderiam se transformar como que, por um passe de mágica, com o uso do cinematógrafo, recurso visto como "extraordinário".

O cinema concorre para que as crianças se afastem das diversões malsãs, assegurando a frequência regular dos cursos. Todas tomam o caminho da escola, quando se anuncia que haverá cinema. [...]. (Revista do Ensino. **O cinema e a Radiofonia na escola** - 1927-novembro - n.24., p.591).

Além do uso do cinematógrafo para a projeção do cinema educativo, ou seja, projeções que pudessem educar ou que auxiliassem no processo de educação desenvolvida em sala de aula, o instrumento poderia, também, ter fins recreativos dentro do espaço escolar, atraindo, inclusive, o público da comunidade externa a escola.

Não recuar diante do cinema recreativo, consagrado a fantasia, destinado a divertir. Os que já passaram a idade de ir à escola, e com alguma razão, desconfiam do cinema excessivamente pedagógico. Não gostam de ser tratados como crianças. Era geral todo mundo deseja instruir-se, porém não visando a isso diretamente, como aquele personagem de Moliere, que fazia prosa sem o saber (Revista do Ensino. **O cinema e a Radiofonia na escola** - 1927-novembro - n.24., p.591).

Sobre essa experiência, a Revista exemplifica o resultado positivo alcançado pela França:

A minha escola enche-se todo dia. Vem gente de longe, e as salas de classe, em que podiam ficar 150 a 200 espectadores, ficam repletas as vezes. As boas palavras, as apreciações entusiásticas, os aplausos calorosos. Tudo me revela que os assistentes ficam imensamente

GUIMARÃES, P. C. D.; ASSUNÇÃO, F. I. da S.

satisfeitos. Voltam eles á escoa benfeitora constantemente. O cinema, refere um professor em longa e interessante carta, muito contribui para que as crianças acorram a escola, e, não raro, tenho sido obrigado a mandar fechar as portas, recusando pessoas vindas de longe (Revista do Ensino. **O cinema e a Radiofonia na escola** - 1927- novembro - n.24., p.591).

A educação mais ampla, entendida como aquela que extrapola a mera instrução e avança sobre a formação dos hábitos e condutas, também foi pensada para o uso do cinematógrafo. A formação moral, por exemplo, deveria fazer parte dos filmes escolhidos para a projeção que, por sua vez, poderia acontecer aos finais de semana, fazendo com que as crianças e famílias criassem o hábito de aprenderem juntas. Contudo, um dos empecilhos em que as escolas esbarravam era, justamente, a dificuldade de renovação dos filmes, sendo este tema alvo de reivindicações para a criação de coleções de filmes, nos moldes de uma biblioteca. Entretanto, tal organização exigia pesados sacrifícios pecuniários para os Municípios, o que gerava a sua não efetivação.

O cinematógrafo e seu uso educativo em Minas Gerais foi direcionado, em grande maioria, à formação da infância. Por meio dele, projetava-se um ensino mais eficiente às peculiaridades infantis.

É fora de dúvida que o cinema grande e importante papel está destinado junto à criança e a escola. Cumpre agora que a imprensa que se deve interessar pelo futuro da pátria, se oriente com entusiasmo, amor e carinho, afim de que em breve, essa geração que surge nos possa dar uma pátria nova, uma pátria sadia e consciente de sua força, de seu poder e de seu valor. Devemos utilizar o cinema como meio de educação e de ensino (Revista do Ensino. **O Cinema e a escola** - 1928- janeiro- n.25, p.36).

A criança, considerada de “índole vaidosa”, também poderia servir de referência de bons hábitos e costumes nas películas exibidas. Nesse caso, a indicação da Revista era que a própria escola escolhesse e filmasse os bons alunos em seu contexto escolar e familiar. Logo após, esse material seria exibido ao restante dos escolares, servindo de modelo a ser seguido.

Por meio do filme, outras vantagens advirão as crianças. Exemplos: - em se tratando de uma criança que se destaque de todas as outras, não só pelo fiel cumprimento de seus deveres escolares, como também pelo comprometimento de atos meritórios, dentro e fora da escola, filmar-se-á dessa criança, cenas em família, rodeada de pessoas que lhe são caras, como estímulo (Revista do Ensino. **O Cinema e a escola** - 1928- janeiro- n.25, p.36).

A defesa do uso do cinematógrafo como recurso que geraria estímulo na criança esteve inserida na difusão de estudos sobre a importância do uso dos sentidos das crianças para a sua formação, como os desenvolvidos por Maria Montessori, por

exemplo. "As lições aprendidas pelos olhos mais valem do que as recolhidas pelos ouvidos" (Revista do Ensino. **O Cinema e a escola** - 1928- janeiro- n.25, p.36).

A menção aos países considerados adiantados, também era recurso recorrente para justificar a inserção e o uso do cinematógrafo no contexto da educação da infância em Minas Gerais, sendo objeto de interesse e estudos estatísticos sobre a recorrência de tal utilização do instrumento:

Nos países mais adiantados, notadamente na Holanda, Suécia e Estados Unidos da América do Norte, as escolas infantis, as de segundo grau como são chamadas e mesmo as universidades, o cinematógrafo é hoje de uso corrente e as estatísticas revelam um aproveitamento dos alunos de 30% em média, quando utilizado esse magnífico auxiliar pedagógico (Revista do Ensino. **O Cinema e a escola** - 1928- janeiro- n.25, p.36).

Mais do que um recurso pedagógico, percebe-se que o cinematógrafo cumpriu papel estratégico para a formação e conformação de estados sociais desejados. Ao contribuir significativamente na efetivação da grande aposta social do futuro: a educação da criança, o cinematógrafo funcionou como um dispositivo, ou seja, como uma rede que poderia estabelecer elementos heterogêneos, permeados por relações de poder e saber, que tinha como objetivo responder a uma determinada urgência: a formação de um novo povo brasileiro via infância. Ao considerarmos o cinematógrafo como um dispositivo podemos visualizar, como bem assevera Foucault (1988), todo um engendramento que tem como objetivo a mudança e/ou o controle detalhado e minucioso da infância: gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos, entre outros.

CONCLUSÃO

A inserção e uso do cinematógrafo para a educação da infância em Minas Gerais estiveram permeados pelo desejo de formação mais eficiente da criança no ambiente escolar e, também extraescolar. Esse instrumento, tão interessante e curioso para a época, serviria como um recurso que estimularia aquilo que a infância mais detinha no seu período de desenvolvimento, o sentido visual. Essa possibilidade de educação vinha aliada a curiosidade e ao interesse da criança, tipicamente ignorados pela escola tradicional nas situações de ensino, mas abraçados pela nova forma escolar que, ao tomar o aluno como o foco do ensino, buscava recursos diversos para a efetivação desse ideal, funcionando enquanto um captador daquilo que atenderia às suas demandas de formação. Vinha alinhada, também, ao desejo de formação da criança enquanto categoria social, entendida como importante vetor na transformação que tanto se queria para o Brasil (Corazza, 2004). Nesse contexto, o cinematógrafo foi um grande aliado, gerando possibilidades diversas de formação, tanto no contexto escolar quanto no contexto extraescolar, promovendo, além da instrução, uma educação mais ampla, que favorecia não somente a captura de conhecimentos acumulados pela humanidade, mas também o desenvolvimento de hábitos e condutas condizentes com o que se

GUIMARÃES, P. C. D.; ASSUNÇÃO, F. I. da S.

esperava para o novo cidadão do estado. Nesse sentido, o cinematógrafo atendia aos anseios políticos do período, funcionando como um dispositivo na conformação de uma nova sociedade que se queria formar para o país.

Artigo recebido em: 14/06/2025
Aprovado para publicação em: 25/11/2025

INDICATIONS OF THE USE OF CINEMATOGRAPH IN CHILDREN SCHOOLING IN MINAS GERAIS
(1925-1930)

ABSTRACT: The present paper analyzes, inserted in the field of History of Education, the use of cinematography for childhood education in Minas Gerais between the years 1925 and 1930. For this purpose, it takes as its research source the *Revista do Ensino*, an official journal of Minas Gerais government, created in 1925 and circulated until 1971, which was widely used for formation and conformation of teaching practice in the state. The results show that the cinematograph worked as device for the formation of what would be the new Brazilian citizen, the child, modifying his/her habits and customs in a more attractive and effective way, in urban and rural school institutions.

KEYWORDS: Education; Cinematograph; Childhood; *Revista do Ensino*

INDICACIONES DEL USO DE CINEMATOGRAFÍA EN LA ESCUELAZACIÓN DE NIÑOS EN MINAS GERAIS (1925-1930)

RESUMEN: El presente Trabajo, insertado en el campo de la historia de la educación, analiza el uso de la cinematografía para la educación infantil en Minas Gerais entre los años 1925 y 1930. Para este propósito, utiliza como fuente de investigación la *Revista do Ensino*, un periódico oficial del gobierno de Minas Gerais, que fue ampliamente utilizado para formación y conformación de la práctica docente en el estado. Los resultados muestran que el cinematógrafo funcionó como un dispositivo para la formación de lo que sería el nuevo ciudadano de Brasil, el niño, modificando sus hábitos y costumbres de una manera más atractiva y efectiva, en instituciones escolares urbanas y rurales.

PALABRAS CLAVE: Educación; Cinematografía; Infancia; *Revista do Ensino*.

NOTAS

1- O conceito de dispositivo é aqui utilizado na concepção empregada por Foucault “como um conjunto decididamente heterogêneo” que, entre outras ações sociais, engloba “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filantrópicas, morais”. Para o autor, “o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” para, em um determinado momento histórico, responder a uma urgência (FOUCAULT, 1979, p. 244).

2- A invenção do cinematógrafo é creditada aos irmãos Lumière, em 1895. Contudo, como indica Mannoni (2003), o debate sobre a criação do aparelho ainda é posto, já que existem informações

de que a tecnologia do cinematógrafo foi apenas aperfeiçoada pelos irmãos a partir da observação de outros aparelhos de projeção já utilizados na época.

3- Exemplo disso foi o uso do cinematógrafo pela diretoria de saúde de Minas Gerais no início do século XX. As projeções eram utilizadas para informar e formar a população sobre as doenças, suas condições de contágio e as possibilidades de prevenção.

4- Entre essas Instituições estariam as Associações das Mães de Família, o escotismo, as ligas de bondade, e os pelotões de saúde (GUIMARÃES, 2014).

REFERÊNCIAS

CIPOLINI, Arlete. **Não é fita, é fato**: tensões entre instrumento e objeto: um estudo sobre a utilização do cinema na educação. 2008. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade de São Paulo, 2008.

COSTA, P. C. da; PAULILO, A. L. Arautos de improvável: pioneiro da radiofonia e da cinematografia educacional no Brasil (1920-1930). **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 31, n. 02. P. 37-59. Abril-jun., 2015.

CORAZZA, S. M. **História da infância sem fim**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

COSTA, F. C.. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando (org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

CUNHA, Fernanda da. **Cinema Educativo**: escritura e imagem. Projeto E-arte/Educação Crítica no Ciberespaço. Porto Alegre: Intertec, 2010.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Grall, 1988.

GUIMARAES, P. C. D. A atuação das “Instituições Auxiliares da Escola” sobre educação da infância mineira na década de 1920. **Educação em Revista**. 2013, vol.29, n.4, pp.149-166.

_____. **Uma educadora republicana**: a face desconhecida de Maria Lacerda de Moura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2021.

HERBERT, S. H.; MC KERNAN. **Machines**. Disponível em: <https://www.victorian-cinema.net/machines#cinematographelumiere>. Acesso em 01 nov, 2017.

KUHLMANN JR. M., FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. (org.). **A infância e a sua educação**: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 15-33.

GUIMARÃES, P. C. D.; ASSUNÇÃO, F. I. da S.

LINO, S. C. Cinematógrafo: doenças da moda. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, 2009. Jan. jun. , p. 90-103.

MANNONI, L. **A Grande Arte da Luz e da Sombra**: arqueologia do cinema. São Paulo: Unesp, 2003.

MONTEIRO, Ana Nicolaça. **O cinema educativo como Inovação Pedagógica na Escola Primária Paulista (1933 1944)**. 2006. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade de São Paulo, 2006.

REVISTA DO ENSINO. **O Cinematógrapho Rural** – 1924 – maio. Nº.2 p. 44.

REVISTA DO ENSINO. **O cinema e a Radiophonia na escola** – 1927- novembro – n.24. p.591.

REVISTA DO ENSINO. **O Cinema e a escola** – 1928- janeiro-n. 25, p.36.

SARMENTO, Manuel, GOUVÉA, Maria Cristina Soares de. Olhares sobre a infância e a criança. In: _____ (orgs.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 7-13.

SOUZA, Luani Liz de. **O cinematógrafo entre os olhos de Hórus e Medusa**: Uma memorabilia da educação escolar brasileira (1910–1960). Tese de Doutorado. Tese (Doutorado) Educação, Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina. 359f. 2016.

THEBAS, I. **A origem do cinema**. Disponível em:
<https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema>. Acesso em 01 nov. 2017.

PAULA CRISTINA DAVID GUIMARÃES: Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Pedagoga pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Professora do Departamento de Ciências da Educação (DECED/UFSJ) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João Del-Rei (PPEDU/UFSJ).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4415-2332>

E-mail: pauladavid@ufs.edu.br

FABIANA INÁCIA DA SILVA ASSUNÇÃO: Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na linha de História da Educação. Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Pedagoga pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1913-7106>

Indícios do uso do cinematógrafo na escolarização da infância...

ARTIGO 1270

Email: fabihisassuncao@gmail.com

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).